



A Direção do Agrupamento de Escolas  
Carlos Amarante  
deseja a toda a comunidade um

*Feliz Natal e um  
Próspero Ano Novo*

## Índice

**Página -2**

Aluna Luísa Insua: reflexão sobre o COVID.

**Página -3**

Aluno Eduardo Mota: o confinamento.

**Página -4**

Agir e ser professor/DT, na pandemia...

**Página -5**

Vítimas de violência.

**Página -6**

Direitos humanos.

**Página -7**

O Vírus que mudou a nossa vida.  
“almada”: exposição de alunos.  
Projeto, Escola solidária.

**Página -8**

A situação pandémica e a Escola: continuação

## Será que o Natal e o Ano Novo poderão ser festejados como estávamos a pensar?

A situação pandémica que vivemos é gravíssima e implica alterações no modo como vivemos e interagimos com os outros.

No final do ano letivo anterior, e atendendo à emergência de saúde pública que atravessávamos e à estratégia nacional de levantamento de medidas de confinamento no âmbito do combate à pandemia da doença COVID-19, o Conselho de Ministros estabeleceu um conjunto de medidas excecionais e temporárias para a organização do ano letivo 2020/2021 que visavam garantir a retoma das atividades educativas e formativas, letivas e não letivas, em condições de segurança para toda a comunidade educativa.

Neste contexto, o AE Carlos Amarante definiu um quadro de intervenções que pretendiam garantir o progressivo regresso à normalidade, sem descuidar a vertente de saúde pública, tendo começado pela atualização do Plano de Contingência para a COVID-19 de cada estabelecimento de ensino, em colaboração com as autoridades de saúde da ARS Norte e a sua divulgação por todos os profissionais (pessoal docente e não docente), alunos e encarregados de educação.

Assim, foi posto em prática um conjunto de medidas relativas ao horário de funcionamento, à reorganização dos horários escolares e à gestão dos espaços escolares, acrescidas por uma forte sensibilização e informação da comunidade educativa relativamente às normas de conduta a obedecer e que visavam a prevenção e o controlo da transmissão da COVID-19 (correta higienização das mãos, etiqueta respiratória e colocação da máscara).

Em simultâneo, foi desenhado um rigoroso plano de higienização para cada estabelecimento de ensino, que foi dado a conhecer a toda a comunidade escolar. Finalmente, encontramos-nos a iniciar o programa de mentoria que foi concebido para estimular o relacionamento interpessoal e a cooperação entre alunos, em condições de segurança para os alunos mentores e mentorandos.

Quase a terminar o 1º período, e fazendo uma avaliação da aplicação destas medidas, podemos afirmar que, com o contributo abnegado de todo o pessoal docente e não docente e dos nossos alunos, os estabelecimentos de ensino do agrupamento têm sido locais seguros, onde os contágios não foram em número significativo e muito longe dos prognósticos dos menos optimistas, que apontavam o ensino presencial e as escolas como uma das mais fortes razões para uma verdadeira catástrofe de infeções e contágio.

Por: Eusébio Fertusinhos



## Fotografia

Prof. Carlos Ferreira

(CONTINUA NA PÁGINA 8)

Página inicial

Fotografia

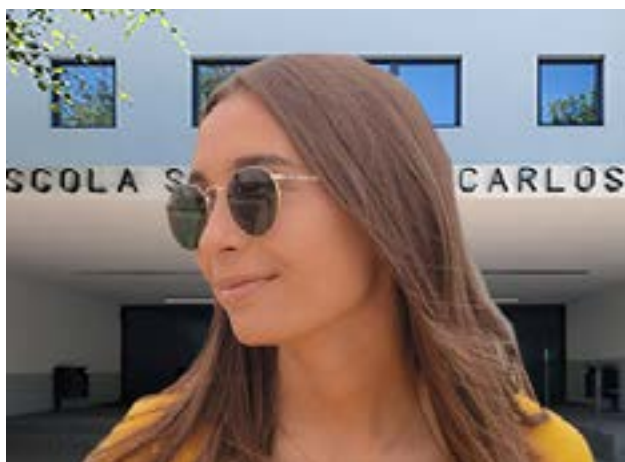
Luísa Ínsua

## CRESCEMOS NA VIDA E COM A VIDA, E MOMENTOS COMO ESTES SÃO OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM ... E HÁ LIÇÕES QUE NÃO SÃO ENSINADAS NA ESCOLA!

Covid 19. Coronavírus. Sars-cov 19: palavras que até há pouco tempo nenhum significado adquiriam para nós, ou pelo menos para a maioria, resumem, agora, quase por completo, a nossa vida atual. Um tema incontornável, tendo em conta a sua desmedida influência no presente. Arrisco-me mesmo a inferir que muitos de nós percecionamos 2020 como o ano do COVID como se a nossa humanidade estivesse reduzida, confinada neste invólucro, neste bichinho!

Bichinho... parece-me até que um vírus capaz de tanta maldade e com todo o ódio e fúria humana focados nele, não é merecedor de nome tão carinhoso nem da dignidade de um diminutivo associado à ternura e à delicadeza. E porque não bicho rude e maldoso, capaz de abalar a nossa pretensa superioridade em relação ao mundo?! Que vem desacreditar a nossa obstinada ideia de controlo sobre a natureza, sobre tudo e todos?! Que nos demonstra, sofregamente, e mais uma vez, quão vasto é o que escapa ao nosso poder de controlo, que não é nossa propriedade privada, que não depende sequer da nossa ação, ... sobre o qual parece que não podemos exercer qualquer tipo de influência.

Uma coisa é certa entre tantas incertezas que certamente nos conduzem à nula certeza: algo se alterou, muito mudou, confuso o mundo ficou. Mas será que parou? Sabemos hoje, que a nossa vida continuou. E dentro da anormalidade, a normalidade regressou. E o que implica isto, para nós, jovens? O retorno à nossa atividade principal, considerada, até, por muitos, o nosso “emprego”, a escola. Sabemos que por muito que tentemos volver à usual rotina precedente à pandemia, o mesmo se revela impossível. Associamos a escola não só à aprendizagem, mas a todo o processo evolutivo a que estamos sujeitos neste mesmo local, o que inclui a convivência com colegas, amigos, professores, e que nos é, agora, totalmente negada (pelo menos a uma distância inferior a 2 metros). E também o toque, que está profundamente associado ao nosso ser, antes do mais porque



Luísa Ínsua, Nº19, 11°C

somos mamíferos e o toque tem esse efeito protetor, que restaura o equilíbrio interno, à nossa existência humana que faz de nós pessoas sociais, afetivas, que vivem o amor de forma intensa, e que agora se encontra, quase integralmente, excluído da nossa vida. Até mesmo a visão que, por muito estranho que possa parecer, se encontra limitada. Não nos é possível ver, sentir o carinho evidente na expressão daqueles que mais amamos: uma máscara que impede a propagação do vírus e na razão inversa da propagação do afeto.

Contudo, penso que nos resta a nós compreender o quão necessárias estas medidas são, e o contributo que têm para a saúde de todos, permitindo a melhoria da situação atual e a eventual restauração da nossa “antiga vida”. E é por isto mesmo que receio a nossa negatividade. Sinto, desde o início da pandemia, um ambiente pesado, um recorrente cansaço e profunda exaustão, aliados a um enorme pessimismo. É compreensível. Estamos a viver algo diferente, algo pavoroso. Por isso estou assustada!

Penso o quão rápido a nossa situação mudou, o quão rápido o mundo se abalou. E num instante, se afastou de nós a garantia de uma vida estável. E quanto mais pensamento a isto dou, mais necessidade sinto de fugir da imagem negra que tanto nos desnorteou. Não nos podemos deixar cair em pensamentos que, ao fim de algum tempo, vão, decerto, ter em nós uma influência negativa, iludindo-nos em relação à vida ao nosso redor. Ainda há tanto a acontecer! Tanto que não mudou e que nos continua a permitir, ainda que com

maior dificuldade, sorrir ao fim do dia.

Deixemos de ter pena da nossa situação e olhemos para ela de forma positiva. Acho que nos é até possível encontrar alguns aspetos otimistas num ambiente que consideramos desfavorável para tal. Teletrabalho, ensino à distância, plataformas de comunicação online ... nunca antes aperfeiçoamos estes métodos que se revelaram, ultimamente, cruciais à sobrevivência de cada um de nós. Descobrimos, com isto, novas aplicações da tecnologia, ou, pelo menos, aprendemos a atribuir-lhe um novo uso. Fala-se, cada vez mais, da permanência de algumas destas estratégias no futuro, melhorando o rendimento de algumas empresas e fornecendo condições superiores a determinados trabalhadores. Por exemplo, no caso da escola, em concreto, foram utilizadas, em tempo de confinamento, plataformas digitais que, mesmo depois desse período continuam a ser preferíveis e que anteriormente não se revelavam, nem mesmo, uma opção.

Inconscientemente, tendemos a prestar atenção a pequenos períodos da história, cingimo-nos ao que estamos habituados e esquecemos o passado, não nos permitindo, infelizmente, aprender mais com as experiências ocorridas. A história do Homem é caracterizada por ver surgir, com alguma frequência e periodicamente, tragédias. Mas nós sabemos que o ser humano se desenvolve e melhora quando confrontado com adversidades, seja para encontrar forças, delinear caminhos novos para os minorar ou resolver, seja para refletir sobre esses momentos mais difíceis que não prestávamos particular atenção, e dar assim um novo fôlego à nossa humanidade.

Viver um dia de cada vez, é o que nos resta agora?! Nunca esqueçamos que vive uma criança dentro de nós, alimentada de amor e afeto, base de tudo o que resta ao mundo. Crescemos na vida e com a vida, e momentos como estes são oportunidades de aprendizagem, ... e há lições que não são ensinadas na escola!





Eduardo Mota - 12º\_P

“...Após um dos meus colegas de turma ter ficado infetado, toda a turma teve que permanecer em isolamento profilático. ...”

Duas semanas... Catorze longos dias limitados a quatro paredes cujo branco parecia não ser o suficiente para, neste tão singular contexto, dar a ideia de libertação a que a ele tanto associamos.

Após um dos meus colegas de turma ter ficado infetado, toda a turma teve que permanecer em isolamento profilático. Foram duas semanas em casa, limitado ao meu quarto e ao uso de máscara cada vez que dele tinha que sair, que pareceram muito mais longas do que o que qualquer calendário ou ponteiro de relógio possa levar a crer. A ideia de que o tempo ou, pelo menos, a percepção que dele temos é relativa, tornou-se nitidamente evidente. Afinal, duas semanas nada são, se vistas à luz daquilo que é, para todos nós, normal. Mas duas semanas de liberdade verdadeiramente condicionada, em que quase não podemos sair pela porta pela qual tão frequentemente entramos e em que, por receio e cautela, nem daqueles de quem mais gostamos nos podemos aproximar, quanto mais abraçar, não são tão curtas como esse quantificador numeral que as antecede pode fazer parecer.

Vivemos num tempo em que manter o contacto com aqueles que mais distam de nós é mais prático e rápido do que alguma vez o foi. Pelo que, estamos totalmente habituados a trocar mensagens com aqueles com quem, pelas mais diversas razões, não podemos estar tão regularmente quanto desejaríamos. Mas a impossibilidade de manter o contato habitual com aqueles que dormem num quarto ao lado daquele em que, também nós, nos deitamos, parece fazer parte de uma qualquer realidade distópica, saída de uma dessas muitas álbidas páginas de um algum romance esquecido numa prateleira. E contudo, não o é. É a nossa realidade, porventura temporária, mas que nem por isso deixa de o ser.

Durante estas duas semanas, todas as aulas foram feitas num modelo já familiar e que nos permitiu, não só agora,

como também nos meses que iniciaram este ano, que parece não querer findar, continuar o decurso das aulas. Desta vez numa sala de aula um pouco diferente daquela a que habituados estamos, certamente não tão preenchida pelo par cadeira-secretária que dela tende a fazer parte, mas em que o cerne daquilo que a define continuava presente. Isto é, nós, os alunos e, claro, a professora ou o professor. E não obstante o facto de que a experiência de ter um professor à nossa frente e tê-lo de forma igualmente frontal, mas desta vez reduzido à bidimensionalidade de um ecrã, não ser propriamente a mesma, foram duas semanas em que as aulas conseguiram manter a índole que as caracteriza. Mas claro que, por muito avançada que a tecnologia se possa eventualmente tornar, nada substitui ou substituirá, talvez nunca, a interação presencial. Quer seja com o professor ou com os meus colegas, não é nada difícil concluir que nada se equipara ao poder ver, verdadeiramente, o olhar, que agora quase assume simultaneamente o papel de sorriso, da pessoa com quem estamos naquele momento a partilhar palavras. É essa proximidade, hoje um pouco mais distante, que nem o mais incomensurável conjunto de pixels consegue recriar e que fazem da interação social feita de modo presencial algo plenamente ímpar.

E foi precisamente, pelo menos para mim, a carência dessa mesma interação, durante este tempo condicionada, aliada ao incessante medo de que pudesse estar a pôr em risco aqueles de quem mais gosto e à clara inxequibidade daquilo que ora por hábito, ora por espontânea vontade, pudesse querer fazer, que mais acentuou a lentidão com que a areia parecia insistir em passar à parte inferior da ampulheta. É ótimo estar em casa e termos mais tempo para fazermos aquilo que achamos ser a melhor ocupação dos nossos dias, mas é sempre melhor quando o fazemos por deliberada escolha e não por necessidade.

Foi, porém, essa mesma conjuntura, nada aprazível, que fez com que agora, sob a perspetiva que parece quase sempre só ulteriormente ser atingida, tenha aumentado significativamente o valor, deveras merecido, que a tudo isso é dado. Porque, por mais cliché que seja, parece que a tendência é sempre de valorizar mais aquilo que, inesperadamente ou não, tivemos a lamentosa oportunidade de ficar sem, talvez por apenas assim vermos a falta que na exceção faz tudo aquilo que, por ser usual, banalizamos.

## Texto

Prof.º Pedro Jorge Dias

## Fotografia

Prof. Carlos Ferreira



## Agir e SER Professor/DT na Pandemia, um desafio à “nossa Humanidade”



Ser professor, nos dias de hoje, é um desafio constante. Estar atualizados, conseguirmos novas formas de cativar e “chegar” aos nossos alunos, falar uma linguagem que lhes seja mais apelativa e inteligível é

a necessidade que urge. Para o conseguir, há que vê-los como seres que integram um mundo não só em constante mudança como a uma instabilidade como esta da pandemia que nos obriga a redefinir posturas, prioridades. Eles e nós.

Neste momento, inusitado e caótico, toda a sociedade teve de encontrar uma “bússola” que a orientasse, norteasse, na criação de novos princípios e construção de um novo “Cosmos”. Assim, para nós, professores, foi, está a ser, um desafio incomensurável dado a “aprendizagem forçada e acelerada” que nos obrigou a um “upgrade”, a nos reinventarmos e reinterpretarmos, no nosso quotidiano, as nossas práticas e ações. As novas tecnologias vieram contribuir, mais que nunca, na construção de formas diferentes de fazer o mesmo de sempre: ENSINAR. Neste sentido, urge otimizar as condições de sucesso, ou seja, “conduzir” e formar holisticamente, tal como desde as origens do “Paidagogo” até à Pedagogia do nosso dia a dia, mas, atualmente, com muito mais trabalho, tempo, entropia. Um empenho e uma dedicação, a uma causa nobre sem dúvida, mas agora a ausência da proximidade que, outrora, ainda “há pouco”, nos permitiu chegar mais longe e construir em conjunto “percursos com futuro”.

Neste contexto e enquadramento, o diretor de turma assume um papel fundamental e preponderante enquanto elo de ligação entre a família e a escola. Como bem sabemos, uma corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco e, no meio de tanta burocracia e imprevisibilidade, há que esperar e lidar com o inesperado, descobrindo estratégias que nos permitam manter a resiliência, perseverança e maximizando as condições de sucesso educativo e pedagógico de todos e de cada um. Manter o rumo, dinamizar e coordenar o trabalho de tantos e agilizando procedimentos, sempre com a salvaguarda do bem comum e da saúde como propósito, este é um desafio sem tempo e mãos a medir. Na escola, nos dias de hoje, é o NOSSO desafio.

Assim, ao fazer a “ponte” de casa para esta “segunda família” que a nossa “escola” representa para cada um dos nossos alunos, criando um ambiente de proximidade, tranquilidade e confiança para que, e com cuidado e determinação, se proporcione as melhores condições para trabalhar e crescer tendo em vista os objetivos a que cada um se propõe em particular e a comunidade educativa em geral.

Desta forma, muitas das vezes, o diretor de turma, não deixando de ser pai ou mãe, com a gestão familiar e pessoal inerente, tem de abdicar de “parte de si” para poder ajudar e “acudir” a quem dele mais necessita. No entanto, este suplemento de trabalho, tempo e energia, muito para além do horário, só é possível graças à sua sensibilidade e consciência que “brota” da sua fonte mais pura, a Humanidade. A inconstância é o traço comum da Humanidade, não somos máquinas, é certo, mas, por vezes, o desafio aliado a uma tão válida causa, pode levar-nos onde nunca imaginávamos ser capazes de chegar.

Somos o que aprendemos e aprendemos com o que somos. Este legado ficará para nós e esta dimensão humana transcendente foi, continua a ser, uma aprendizagem que nos acompanhará e tornará mais fortes. Quem sabe, não poderá ser uma boa forma de dar a conhecer à nossa sociedade a complexidade, integralidade e a verdadeira dimensão do SER professor e diretor de Turma enquanto ser que procura dar o melhor de si, no melhor interesse de todos e de cada um dos nossos alunos, em momentos tão exigentes, difíceis, desafiadores como estes que vivemos.

Acredito que, um destes dias, o sol voltará a brilhar e sem máscara alguma poderemos sorrir com os nossos alunos, olhar para trás e ficar, com toda a certeza, orgulhosos por tudo o que conseguimos semear e cuidar. No futuro, estou certo, colheremos um novo e melhor amanhã.



Coordenação

Prof.ª Ana Maria Pereira

Fotografia

Prof.ª Graça Borges



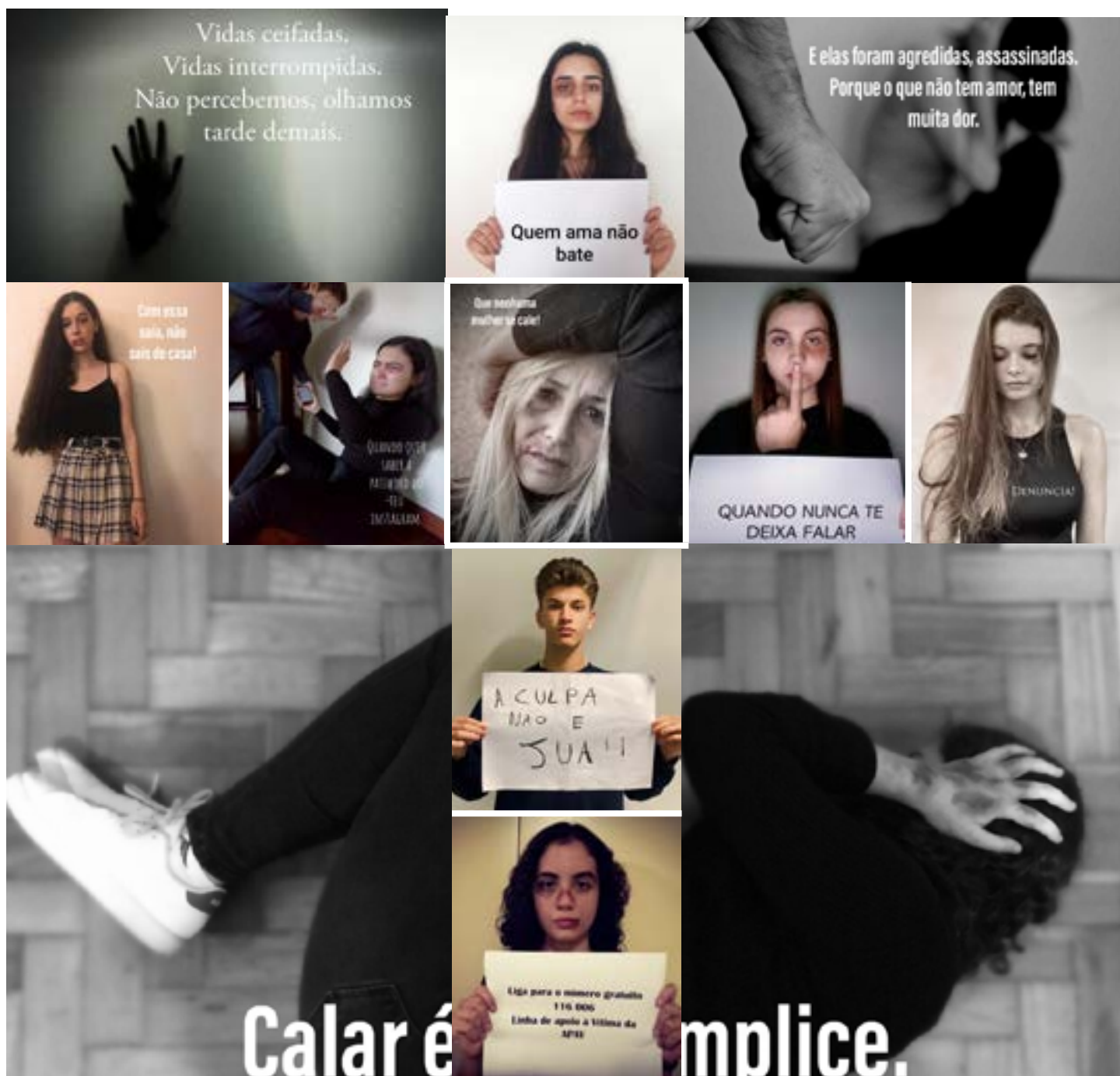
## Vítimas de Violência

No dia 25 de novembro comemorou-se o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Na escola quisemos que todos recordassem.

Com a participação ativa de alunos do 12.º O, da representante dos encarregados de educação e da diretora de turma, Prof.ª Ana Maria Pereira, foi realizada uma iniciativa que pretendeu sensibilizar toda a comunidade e a

cidade para este flagelo - violência contra a mulher.

Esta iniciativa foi retratada por um conjunto de fotografias ilustrativas da violência sobre a mulher



Página inicial

Coordenação

Prof.ª Ana Maria Pereira

Fotografia

Prof.ª Graça Borges

# Dedender os direitos humanos significa agir de forma a promover todos os direitos humanos de todas as pessoas

A Escola Secundária Carlos Amarante faz recordar os direitos humanos e a importância que esta data assume na sensibilização de todos para a necessidade urgente de se efetivarem esses direitos, com a realização de uma exposição promovida pelos alunos da turma do 12.º A e com a coordenação da Professora Ana Maria Pereira





Texto

Prof.º Abílio Vitorino

Fotografia

Prof.º Abílio Vitorino

Os alunos das turmas do 12.º M e 12.º N, da escola secundária Carlos Amarante, promovem uma exposição ligada à pandemia e o quotidiano. Mostra-se nesta exposição que a arte pode deixar um testemunho de relevo do momento que vivemos. Afirmam que, *acreditamos que, mesmo no contexto atual da pandemia, mais do que nunca, porque vivemos em contexto adverso, as artes devem permanecer parte integrante da comunidade educativa, na medida em que são promotoras do cumprimento do direito à educação e à cultura, assegurando o acesso de todos à fruição cultural.*



Nascido em São Tomé e Príncipe, em 7 de abril de 1893, José de Almada Negreiros, foi um artista multidisciplinar - português - dedicando grande parte da sua vida às artes plásticas (desenho, pintura, etc.) e à escrita (romance, poesia, ensaio, dramaturgia) ocupando uma *posição central na primeira geração de modernistas portugueses*”.

Os alunos das turmas dos 12ªM e 12ªN, da Escola Secundária Carlos Amarante, apresentam uma exposição, evocando assim esse grande nome da cultura portuguesa.



Texto

Prof.ª Fernanda Mendes

Fotografia

Prof.ª Fernanda Mendes



O Projeto Escola Solidária da ESCA, este ano, tem tido bastantes limitações na sua atuação devido à situação que vivemos.

Assim, “ficamos reduzidos à recolha de papel, ao projeto Academia Verde (separação e reciclagem de plástico e papel)”. Também, foram entregues as tampas de plástico para a campanha «o Sorriso da Mafalda».

Ainda, recolheram dinheiro nas turmas para a campanha «Bacalhau para todos», que permitirá ajudar os nossos alunos e outras famílias com cabazes neste Natal.



Entrega de um donativo para a campanha “Bacalhau para todos”

Página inicial

Subdiretor

Prof. Eusébio Fertusinhos

FOTOGRAFIA

Prof. Carlos Ferreira



Continuação:

Acerca de duas semanas do Natal e depois de termos atingido o pico pandémico em finais de novembro, os números são muito preocupantes. Continuamos diariamente com um número de infeções confirmadas muito elevado e com o número diário de óbitos por COVID-19 a aumentar significativamente, tendo atingido o valor mais elevado a 13 de dezembro (98). A par disto, a pressão na rede hospitalar do SNS é enorme, com o número de internamentos a crescer constantemente, particularmente os internamentos em UCI que ultrapassam as

cinco centenas diariamente.

Como sabemos, esta época é tradicionalmente marcada por deslocações e reuniões familiares que são um risco adicional no contexto pandémico. Se olharmos para os últimos meses, com maior ou menor confinamento, obrigar a população a passar um Natal em isolamento também não seria bom, nem para a saúde nem para a economia.

Reunir toda a família à volta da mesa, provavelmente, até com as propostas e sugestões de organização mais imaginativas, não será possível nestas festividades, devido às restrições sem precedentes e às novas regras para conter a disseminação do SARS-CoV-2, que mostram uma Europa com confinamentos cada vez mais rígidos, passada a bonança da época estival.

Apesar de um ligeiro alívio de restrições durante o período de Natal, as autoridades de saúde contam com a colaboração e o empenho das famílias para minimizar o risco, pois não é possível eliminá-lo por completo e é expectável que haja um aumento de número de casos em Janeiro, em consequência das confraternizações natalícias.

No entanto abre-se uma janela de esperança após as autoridades e agências que tutelam os medicamentos terem aprovado o uso da vacina para combater a disseminação do coronavírus. O Reino Unido e os EUA estão a dar os primeiros passos na vacinação contra a covid-19 e no início do próximo ano será alargada a toda a UE e demais países, pretendendo a OMS que a vacina chegue a todos para podermos criar a imprescindível imunidade de grupo, tão necessária para a normalização da vida das pessoas e da economia.

Simultaneamente, a comunidade científica têm se desdobrado a divulgar a segurança e a eficácia das vacinas, apesar das dúvidas que existem e do que ainda não se sabe em relação às mesmas. Exemplo disto é o que disse numa entrevista o epidemiologista Manuel Carmo Gomes, que integra a Comissão Técnica da DGS, que referiu que com o que sabemos hoje, do ponto de vista técnico e científico, as vacinas são seguras e eficazes, pelo que as pessoas podem estar tranquilas.

Nesta luta contra a pandemia, apelamos a toda a comunidade educativa do AE Carlos Amarante para que seja um agente de saúde pública. Não podemos esquecer que ao cuidarmos de nós estamos a cuidar dos outros, pelo que teremos, em qualquer circunstância, de aplicar as quatro regras fundamentais: manter o distanciamento social, usar máscara, usar a etiqueta respiratória e lavar frequentemente as mãos.

**Fiquem bem e em segurança.**

**Termino, desejando a toda a comunidade educativa um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.**